





























Lado a lado existem os jardins da Faculdade de Belas Artes e o antigo palacete família Narciso e Azevedo. Nos últimos anos, a existência do primeiro trouxe para a luz a existência do segundo, convocando-se mutuamente. A partir destes dois espaços as imagens criadas trabalham uma memória originária do lugar. A flora foi o meio condutor, o elemento vivo que atravessa temporalmente estes espaços, através da sua resistência e renovação ao longo do tempo.

*O Vazio do branco* explora esta ideia de memória do lugar através de uma relação de contacto com o que ainda lá está. Essa relação é evidenciada através do quimigrama — a superfície fotossensível que vem prender este contacto procurando coagular o invisível no visível. O que fica é o que de algum modo nos toca. É dessa forma que o vazio branco do papel fotossensível se torna aqui lugar de surgimento, onde a memória pode ser impressa. Aqui, as imagens são lugares de passagem que surgem pelo toque entre essa superfície e os elementos naturais do espaço.

